

## **Do Harlem ao Pelourinho: Caminhos que se Cruzam Através de uma História de Esperança<sup>1</sup>**

Lívia SAMPAIO<sup>2</sup>

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

### **Resumo**

Baseado no livro *Push*, de Sapphire, o filme *Preciosa - Uma História de Esperança* (2009), conta a história da jovem norte-americana Preciosa, que é negra, pobre, abusada sexualmente pelo pai, está grávida do segundo filho deste pai, é humilhada pela mãe e tem dificuldades de aprendizagem. Este trabalho vai analisar a recepção desta obra dentro de um público específico: os setenta alunos do Instituto Cultural Steve Biko que foram assistir, juntos, a este filme. A Biko, como é chamada, é uma Organização não Governamental, fundada em 1992 por professores e estudantes negros em Salvador, Bahia, que busca promover a ascensão da população afrodescendente através da educação e valorização da sua ancestralidade. O encontro do filme com os estudantes rendeu diversas discussões, especialmente sobre o racismo, sendo um rico vetor para se pensar o papel do educador.

### **Palavras-chave**

cinema ; educação; análise fílmica; racismo; recepção cinematográfica.

### **Introdução**

*Preciosa – Uma História de Esperança* – conta a vida de Claireece Preciosa Jones, uma adolescente que mora no bairro do Harlem, em Nova York, vítima de diversas formas de violência, a começar em seu próprio lar: violência sexual do seu pai desde a infância, , violência psicológica cotidiana da sua mãe, negligência dos seus pais com sua saúde e educação. Aos dezesseis anos, refém daquele cenário familiar, ela está grávida do seu segundo filho, fruto, como o primeiro, dos estupros seguidos feitos por seu pai. Além das agressões sofridas em casa, a jovem é vítima de *bullying* na vizinhança e na escola. Ela não consegue aprender a ler. Ao engravidar pela segunda vez, é convidada a se retirar da escola regular e passa a frequentar uma escola alternativa, onde ela conhece a professora Blue Rain, que “enxerga” Preciosa, dando início a um relacionamento afetuoso e saudável, que vai alterar o rumo, que parecia trágico e imutável, da vida da protagonista.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Culturas Contemporâneas pelo POSCOM- UFBA. E-mail [lmmsampaio@hotmail.com](mailto:lmmsampaio@hotmail.com)

Inicialmente arredia, Preciosa vai se encontrando naquele ambiente de meninas que estão lá por questões específicas, todas com alguma história de dor. A professora se solidariza com a nova aluna, e as colegas, após um estranhamento inicial, acabam se tornando suas amigas. Quando sente as contrações do parto em sala de aula, as meninas a levam ao hospital e lhe fazem companhia. Falam coisas engraçadas e Preciosa vai mudando sua postura defensiva, passando a interagir com todos que ali estão. Ela começa a sorrir, a rir e a gargalhar. No hospital, age como uma adolescente, o que é de fato. O enfermeiro John, alvo de paquera das colegas, também a trata com carinho. Conversam sobre alimentação. Ele diz que come alimentos orgânicos, e a aconselha a fazer o mesmo, sem, contudo, apontar para o excesso de peso da moça. Este carinho torna a atmosfera lúdica, alegre, como se ali não estivesse uma mãe de dezesseis anos em condições sub-humanas.

Um aspecto de grande relevância deve ser sublinhado aqui: o papel do educador. Na escola que Preciosa frequentou por cerca de dez anos, os educadores não identificaram os sinais de abusos físicos e psicológicos pelos quais a garota passava. Pouco antes de ser convidada a ir para outra escola, a diretora, Sra. Lichtenstein, questionou aquela segunda gravidez, lembrando à Preciosa de que a primeira foi aos doze anos, em um tom de censura à menina/moça, ao que a moça respondeu com certa ironia e sem emoção “eu fiz sexo”. A partir daí, a diretora procurou saber o que se passava na casa da jovem, mas era tarde para aquela abordagem. Preciosa não contou nada e a mãe não deixou a sra. Lichtenstein entrar no apartamento. Já na escola nova, depois de algum tempo, Preciosa se deu conta de que em dez anos não havia aprendido nada, e na nova escola estava aprendendo. Em um passeio por um museu, ela assiste a um vídeo com a imagem de Martin Luther King e algumas frases do seu discurso “Eu Tenho um Sonho”. Preciosa se encanta, percebe que está aprendendo muito e pensa em mostrar e contar todas essas histórias do mundo, inéditas para ela, até então, aos seus filhos.



Figura 1. Preciosa vê a imagem de Martin Luther King. Eles têm sonhos

Baseado no livro *Push*, de Sapphire, nome artístico da escritora e artista performática Ramona Lofton, o filme tem Oprah Winfrey como uma das produtoras executivas. Não é um livro autobiográfico, como se costuma dizer. A autora reuniu diversas histórias reais vistas e vividas por ela quando ensinou literatura em uma escola no Harlem entre 1987 e 1993, ou seja, nem é autobiográfico, nem Preciosa existiu, mas o livro narra, de forma mesclada, situações reais, pois a história de Preciosa é a história real de muitas “ Preciosas ” que Sapphire conheceu durante sua experiência como educadora. A autora, que também sofreu abuso sexual na infância, diz que “O nível de abuso que sofri não é tão extremo como no livro, e não há nenhum personagem da história , nem mesmo o professor, que é baseado em mim ” (Sapphire, entrevista, 2010; tradução livre) , mas conta que fez uma mistura de relatos ao se deparar ,um dia, com uma aluna de 32 anos que pediu para sair mais cedo porque iria que buscar seu filho de 20 anos na escola, portador de Síndrome de Down. Pensando ter ouvido mal, Sapphire quis saber detalhes, e, para sua surpresa, a mulher disse que o filho era fruto de um estupro do seu pai. A mulher era negra e soropositiva (como Preciosa descobre ser quase ao final do filme). A escritora misturou essa história com a de outros estudantes, incluindo uma adolescente que estava obesa e era analfabeta. O resultado foi *Push*, o livro, que chamou a atenção do Diretor Lee Daniels, e, além da produção de Oprah, contou com um elenco de estrelas, incluindo os cantores Mariah Carey e Lenny Kravitz que aparecem no filme como a assistente social e o enfermeiro John, respectivamente.

Enquanto Ramona Lofton dava aulas no Harlem, um grupo de professores e estudantes negros na cidade de Salvador, Estado da Bahia, Brasil, se reunia para discutir questões ligadas à discriminação racial e à educação, criando, em 1992, nesta cidade, o primeiro curso pré-vestibular voltado para negros no Brasil. Com o nome do líder sul-africano Bantu Stephen Biko, principal idealizador do Movimento de Consciência Negra, o Instituto desenvolve até hoje diversas atividades políticas e educacionais voltadas para compreender e diminuir as desigualdades raciais. Por este trabalho, o Instituto Steve Biko recebeu diversos prêmios de organizações dos movimentos sociais, incluindo o Prêmio Nacional de Direitos Humanos no ano de 1999 <sup>3</sup>.

A cidade de Salvador é considerada um centro da cultura afro-brasileira. De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 75%

---

<sup>3</sup> Informações diversas sobre o Instituto Cultural Beneficente Steve Biko em [www.stevebiko.org.br](http://www.stevebiko.org.br) . Acesso em 15 maio 2015.

dos habitantes são negros <sup>4</sup>. O Harlem, por sua vez, é tido como sinônimo de negros urbanos nos Estados Unidos, apesar da população estar em processo de migração para outros bairros, mas ainda hoje, no Harlem, estima-se que de cada dez moradores do bairro, seis sejam negros <sup>5</sup>.

E o que esperar do encontro entre esses dois espaços através de um filme? Para tentar encontrar esta resposta, o presente artigo vai tratar de alguns aspectos de recepção, considerando o contexto de criação da obra, dos receptores, e especialmente o texto fílmico, que sublinha o papel do educador.

### **Recepção Cinematográfica**

Em seu artigo “Teorias da recepção cinematográfica ou teorias da espetatorialidade fílmica?”, Mahomed Bamba (2013) afirma que as pesquisas sobre recepção e espetatorialidade são dominadas por diversas abordagens e modelos de análise, o que ele denominou de “caráter transdisciplinar” dessas teorias. Ele diz que o lugar do espectador é considerado em quase todos os estudos sobre o cinema, porém, ao se aprofundar nos indivíduos e públicos por si, são abertas lacunas no entendimento da recepção fílmica. Para Bamba, o principal problema de se estudar a recepção apenas partir de teorias do sujeito, definindo o espectador como “cativo”, “voyeur”, “modelo”, “cúmplice”, etc., é dissociá-lo do seu contexto, dos seus comportamentos de consumo. A análise textual, ao focar apenas nos modos de funcionamento das estruturas de significação, restringe a recepção aos atos singulares de interpretação e gera uma conclusão de espetatorialidade que desconsidera as condições de recepção. A perspectiva histórica e sociocultural da recepção, por outro lado, diz o professor, inclui o consumo, os modos de uso e o espaço do público, privilegiando as interações entre o cinema, os filmes, seus contextos históricos, e as instituições sociais. Aqui, a recepção pode ser problematizada através de estudos sobre a formação dos públicos e o consumo das obras fílmicas em contextos sociais definidos, como também através de pesquisas empíricas sobre os espectadores, os lugares onde se passam os filmes, entre outros.

---

<sup>4</sup> Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas\\_raciais/default\\_raciais.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/default_raciais.shtm). Acesso em 15 maio 2015.

<sup>5</sup> Disponível em [http://www.nytimes.com/2010/01/06/nyregion/06harlem.html?pagewanted=all&\\_r=1](http://www.nytimes.com/2010/01/06/nyregion/06harlem.html?pagewanted=all&_r=1). Acesso em 22 maio 2015.

Ao falar da relação entre a imagem e o espectador, Jacques Aumont (2014) ressalta que o espectador deve ser tratado como parceiro ativo da imagem, e que o trabalho de reconhecimento é se identificar, ao menos em parte, com alguma coisa que se vê, ou pode ser vista na sua realidade. A imagem age sobre o espectador em uma relação de fluxo contínuo, onde ele pode rememorar fatos da sua vida e/ou da história por ele conhecida.

Além da questão do social do contexto, existe, portanto, a psicanalítica, que é onde a teoria da identificação se fez mais presente. A partir dos anos 60, especialmente na década de 70, as teorias psicanalíticas de interpretação cinematográfica ganharam força. Neste cenário, surgiram elaborações diversas, baseadas, por exemplo, nas analogias entre filme e sonho, entre o prazer do espectador e seu voyeurismo, ou ainda entre a experiência do espectador de cinema e o processo de constituição do sujeito durante o chamado “estágio do espelho”, que serviu de base para a distinção elaborada por Jean-Louis Baudry (2003) entre identificação primária e secundária no cinema. O estágio do espelho, assim denominado por Jacques Lacan, é uma fase do desenvolvimento infantil na qual se crê que o indivíduo adquire a capacidade de reconhecer a imagem do próprio corpo ao vê-la refletida no espelho. A partir daí, Baudry traça um paralelo entre a percepção visual da criança e a condição do espectador na sala de cinema.

Sem dúvida, a sala escura e a tela rodeada de preto como um cartão de pêsames, já apresentam condições privilegiadas de eficácia. Nenhuma circulação, nenhuma troca, nenhuma transfusão com o exterior. Projeção e reflexão se produzem num espaço fechado, e aqueles que nele permanecem, sabendo-o ou não ( mas não o sabem ), ficam agrilhoados, capturados ou captados [...]. E o espelho, enquanto superfície reflexiva, é uma superfície quadrada, limitada, circunscrita. [...]. Sem dúvida, o caráter paradoxal da tela-espelho do cinema é que ela reflete as imagens, e assim a ambiguidade permanece, pois a imagem que ela reflete não é a imagem da “ realidade ( Baudry, 2003, p. 395 ).

As ideias de Baudry influenciaram muitas abordagens com vieses psicanalíticos que se seguiram, com as de Christian Metz (2013), Laura Mulvey ( 2013), Judith Mayne ( 1993 ) ( estas duas considerando especialmente o modo feminista de leitura fílmica). David Bordwell (2005) fez uma retrospectiva de algumas teorias que exerceram grande impacto nos estudos cinematográficos entre 1975 e 1995. Em relação aos estudos sobre o público, sintetizou:

Para Stephen Heath, o cinema canaliza o desejo oferecendo identificações através do olhar – o registro do imaginário -, reguladas pelas operações de estruturação e diferenciação do simbólico. Para Christian Metz, os códigos

cinematográficos orientam a pulsão escopofílica e criam uma identificação com a câmera e com o ego do espectador como sujeito transcendental, exclusivamente perceptivo. Para Laura Mulvey, o cinema clássico mobiliza a escopofilia por meio do voyeurismo, do fetichismo e do narcisismo. Em outra variante, conhecida desde então como “teoria do dispositivo”, o cinema provoca uma regressão a um sentido infantil de plenitude análogo àquele produzido pelo que Lacan denominou a fase do espelho. (Bordwell, 2005, p 31-32).

Janet Staiger (1992) fez uma didática separação entre os estudos de textos e os de recepção. As análises textuais, segundo ela, se concentravam no texto, ignorando o contexto. Os estudos de recepção, por outro lado, procuraram compreender a interpretação dentro do contexto histórico e cultural do espectador, ou seja, foram além de meras interpretações de textos.

De forma semelhante à Staiger, Paul Ricoeur (2012) diz que a ‘boa interpretação’ deve começar pela contextualização do autor e da obra, passando pela interpretação do texto que deve responder às questões: Quem fala? Para quem fala? Em que contexto? Por quê? e, finalmente, o que leva um espectador a determinada sensação e consequente reação a uma obra? Na elaboração da sua “tríplice mimesis”, este autor buscou uma abordagem hermenêutica a fim de superar algumas limitações das análises textuais que, segundo ele, se concentravam na *mimesis II*, onde eram considerados apenas os mecanismos internos das obras e pouco se atentava para as operações da *mimesis I*, que é o lugar do leitor, como Bamba e Staiger atentaram. Para que uma configuração mimética ocorra, segundo Ricoeur, é necessário reconhecer o momento anterior à representação, a *mimesis I*. A *mimesis III* é o resultado da interseção entre o mundo do texto e o mundo do leitor.

Uma estética da recepção não pode incluir o problema da comunicação sem incluir o da referência. O que é comunicado é, em última instância, para além do sentido de uma obra, o mundo que ele projeta e que constitui seu horizonte. Neste sentido, o ouvinte ou o leitor o recebem de acordo com a sua própria capacidade de acolhimento [.....]. ( Ricoeur, 2012, v, 1 p. 132)

Sem dúvida, a dificuldade em definir o público de uma obra cinematográfica e, mais ainda, seu contexto de recepção, é um percalço para os analistas. Tomando o espectador-aluno do Instituto Steve Biko como receptor de Preciosa, é possível fazer um estudo de recepção localizado, com diversos pontos de convergência entre espaços geográficos distintos e um contexto social próximo.



## Harlem, Nova York, Estados Unidos.

A história de Preciosa é dura e triste. Tudo é trágico naquele ambiente, onde diversas formas de violência imperam, inclusive o descaso. Filmado em cores escuras, sombrias, só nos sonhos de Preciosa aparecem cores vivas e alegria no semblante da jovem que carrega um olhar soturno, quase sempre voltado para baixo que reflete sua desesperança. Em diversas passagens violentas, Preciosa sonha. Ela quer ser uma artista famosa, branca, de cabelos lisos. Em seus sonhos ela é uma estrela, que distribui beijos e autógrafos. O público dos seus sonhos chama seu nome com entusiasmo, e não aos gritos como faz sua mãe.

A figura abaixo ilustra três cenas que se relacionam diretamente. No alto, à esquerda, Preciosa, após ser derrubada no chão por garotos do bairro, sonha que é uma cantora que está no palco enquanto um rapaz lambe sensualmente sua orelha. Na outra imagem, à direita, ela volta à realidade: está caída no chão e quem lambe sua orelha é um cachorro. Em baixo, novamente a imaginação, porém com dados de realidade. Preciosa se vê cantando em um animado e glamoroso coro da igreja, com seu filho recém-nascido no colo, e, atrás dela, o rapaz da primeira foto - fictício - segurando o cachorro da segunda foto - real. Esta última cena ocorre logo após ela ser expulsa com violência – física e psicológica – da casa da sua mãe com seu bebê. Os sonhos de uma vida de holofotes ocorrem quando ela está no limite da humilhação, ou seja, com frequência.



Figura 2. Preciosa em três momentos. Sonho, realidade e sonho com realidade.

O encontro com a professora Blue Rain, na escola que Preciosa passa a frequentar, enriquece sua vida, mas não pode mudar o que já está feito: os abusos do pai, a filha com Síndrome de Down, o outro filho, também fruto de incesto, as agressões da mãe e diversas humilhações ao longo de apenas dezesseis anos de vida. Ela terá que lidar com seu passado e com seu presente de jovem negra, pobre, analfabeta, mãe de dois filhos e obesa. Sua obesidade é retratada de forma contextualizada, pois algumas vezes a mãe a força a comer, e em outras surge Preciosa ansiosa por comida, como a tentar preencher um vazio que não tem fim.

Essas tragédias pessoais da protagonista formam um conjunto no qual é difícil encontrar alguma esperança, mas a atenção dada por Ms Rain à Preciosa traz à história um sopro de alegria. E vem através da educação. Por educação, entenda-se “educadores”. Não somente professores que ensinam matérias, mas especialmente profissionais que estejam atentos ao contexto dos alunos, especialmente dentro de grupos marginalizados. Resgatar a autoestima costuma ser a palavra de ordem. No início do filme, Preciosa diz que queria ter um namorado de pele clara, que seu cabelo “fosse bom” e sonhava em aparecer na capa de uma revista. Se penteando, ela se imagina loira, com “cabelos bons” quando olha no espelho. Ao comentar com a professora que desejava ter a pele branca, os cabelos lisos, MS Rain diz que ela deve se sentir feliz como é. Um momento, no início desta relação, é marcante. A professora pede às alunas que digam o que sabem fazer. Em que atividades elas são boas. Preciosa diz que não é boa em nada. Ms Rain insiste “mas todo mundo é bom em alguma coisa”. Relutante, Preciosa diz que sabe cozinhar. Pensa um pouco e confessa, aliviada, com um semblante de satisfação, que nunca tinha falado na sala de aula daquela maneira. A professora pergunta como ela se sente, e ela responde “Aqui. Me sinto aqui”.

A figura abaixo mostra, à esquerda, Preciosa entediada e isolada na sala de aula da primeira escola. À direita, sua alegria com a companhia das colegas da nova escola dentro do hospital, logo após o nascimento do seu segundo filho.





Figura 3. Preciosa antes e depois da nova escola.

No decorrer do filme, a relação entre professora e aluna vai se estreitando. Expulsa violentamente da casa da mãe quando volta do hospital com o segundo filho, é Ms Rain quem a abriga, e, para a surpresa de Preciosa, a professora é lésbica e divide a casa com sua companheira. Preciosa se surpreende com a homossexualidade porque sua mãe sempre falava que homossexuais eram pessoas más, assim como dizia, insistentemente, que os estudos eram perda de tempo. Ela não tinha outra referência. Quando a professora lhe conta que também tem problemas com sua própria mãe, Preciosa pensa “tem gente que tem luz. Que vive em um túnel e que a única luz vem da própria pessoa, que mesmo quando escapa do túnel continua brilhando para os outros”. A sensação de pertencimento permeia todo o processo de amadurecimento de Preciosa. Não era só ela quem tinha problemas familiares. Não só ela no mundo tinha dificuldades para aprender. Além do acolhimento e do afeto, veio a identificação. Ao final do filme, a mãe tenta, através da assistente social, uma reconciliação com a filha. Conta para a profissional que os abusos do companheiro – pai da Preciosa – começaram quando a filha tinha três anos. Preciosa ouve este relato nervoso e emocionado da sua mãe, que mistura dor, amor, ódio, mágoa e violência, e diz que nunca mais quer vê-la. Vai embora e segue com os dois filhos pela rua, mostrando um sorriso de esperança. No final do filme, a frase “Dedicado a todas as garotas preciosas do mundo”.

Sobre o tema, Sapphire diz

As pessoas me perguntam: é uma história sobre a obesidade, abuso ou raça? Na verdade, o que é realmente é sobre o poder transformador da alfabetização. No final do filme, Preciosa ainda é preta, ainda é pobre e ainda é gorda, mas o que mudou é que ela pode ler e escrever e começou a se reinventar. Ela deixou seu ambiente doméstico abusivo, percebendo-o

estúpido e inútil, para abraçar uma visão positiva do seu futuro. [...]E, claro, que é a minha história também. Uma pessoa abusada pode se capacitar por meio da linguagem, da literatura e da escrita. Eu fiz o mesmo. Treze anos atrás eu plantei uma semente, e agora esta grande árvore veio (Sapphire; entrevista, 2010, tradução live).

### **Pelourinho, Salvador, Brasil**

Como foi dito, o Instituto Steve Biko faz um trabalho educacional com ações afirmativas voltadas especialmente para o combate ao racismo. Com sede no bairro do Pelourinho, em Salvador, Bahia, ministra aulas para o pré-vestibular, visando o ingresso de alunos negros e carentes nas Universidades, sendo que, aos poucos, suas atividades foram se expandindo. Mesmo no pré-vestibular, a função dos educadores sempre foi além de oferecer as disciplinas exigidas nos exames, pois paralelamente às aulas regulares, cada aluno recebe um curso de formação para a cidadania ministrado na disciplina CCN (Cidadania e Consciência Negra) que busca elevar sua autoestima através da valorização de sua ancestralidade e a ampliação do conceito de cidadania.

Estima-se que o Pré-vestibular Steve Biko, ao longo dos seus vinte e dois anos de existência, tenha contribuído para o acesso de mais de mil estudantes negros ao ensino superior. Atualmente, o Instituto possui diversos programas, entre eles o OGUNTEC, um conjunto de ações destinadas ao fomento à Ciência e Tecnologia, que tem como público alvo estudantes afrodescendentes oriundos das escolas públicas estaduais; Intercâmbios diversos, e o DHAR( Direitos Humanos e Antirracismo) , um programa criado em parceria com o Ministério da Justiça que procura fortalecer a luta contra o racismo na Bahia através de atividades formativas para jovens afro-baianos com idade entre 16 e 21 anos. Com duração de cinco meses, o DHAR proporciona aos alunos a discussão de temas relacionados à cidadania, direitos humanos, ancestralidade e diversidade cultural, através de palestras, dinâmicas de grupo e atividades lúdicas como o teatro e a música. Existem outros programas no Instituto, tanto fixos quanto sazonais <sup>6</sup>.

Na foto abaixo, uma atividade feita com os alunos chamada “Ressignificação do Pelourinho”, que fez parte da programação que comemorou os vinte e dois anos da Biko. Durante a manhã do dia 19 de julho de 2014, estudantes das turmas Mãe Hilda Jitolu e Nelson Mandela, acompanhados do historiador Rogério Santos, levaram os alunos a um

---

<sup>6</sup> Informações disponíveis em <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=Instituto+Steve+Biko&btnG=&l=> Acesso em 03 jun. 2015.

passoio pelo bairro do Pelourinho, com o propósito de mostrar a importância de espaços locais que reconstróem a memória da população negra da cidade de Salvador.



Figura 4. Passoio dos estudantes do Instituto Steve Biko pelo bairro do Pelourinho

Coerente com seu objetivo de inclusão, os alunos do Instituto são predominantemente jovens, negros, de baixa renda, residentes em Salvador, Bahia, Brasil. Há um equilíbrio entre homens e mulheres. É comum ver meninas iniciando os estudos chegando com cabelos quimicamente alisados e, no decorrer das aulas, soltarem, orgulhosas, seus cachos. Em diversos depoimentos, os alunos contam suas histórias de vida, mostrando o antes e o depois do contato com este tipo de abordagem educacional. Existe, inclusive, um bom número de estudos acadêmicos sobre o Instituto e sua influência na formação sócio cultural e educacional de diversos alunos e ex-alunos. Como afirma Hanna Harent:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. ( Harent, 1972, p. 247 ).

Segundo Mazzota (2003), a busca fundamental do homem pela liberdade, no plano individual, e pela igualdade de direitos e de oportunidades, no espaço social, fortalece a construção da sua identidade. A importância das comunidades locais e regionais não pode ser ignorada ou diminuída na elaboração, discussão e entendimento das políticas sociais públicas. Nem sempre as políticas públicas disponíveis dão conta da heterogeneidade de identidades, considerando diversos contextos muitas vezes negativos à aprendizagem. Apesar de Mazzota se referir aqui apenas ao cenário brasileiro, existem muitos pontos de convergência entre o Harlem e o Pelourinho, onde este pensamento deve se transformar em ações. Ações afirmativas.

Os dois bairros possuem uma população predominantemente negra e marginalizada. Não é objetivo neste trabalho tratar esta questão, inclusive porque o Instituto Steve Biko tem sua sede no bairro do Pelourinho, mas alunos e professores moram em diversos bairros, inclusive do Pelourinho. De qualquer forma, é bom lembrar que existem semelhanças entre o lugar fictício de Preciosa - não tão fictício assim, pois a personagem é ficcional, mas o espaço geográfico e tudo o que ele representa não é -, e a escolha do bairro do Pelourinho para a sede da Biko, desde sua fundação, uma vez que, embora turístico e cheio de charme, o Pelô, como é chamado, sofre com a criminalidade, com problemas de limpeza urbana e tráfico de drogas <sup>7</sup>.

A iniciativa de levar os setenta alunos para assistir Preciosa decorreu da proposta de inclusão associada à educação, o que este filme mostra muito bem em diversas passagens, especialmente nas cartas trocadas entre Preciosa e sua professora que insiste para ela não deixar os estudos ao ter seu segundo filho. Ms. Rain lembra à aluna, o perigo de se tornar dependente do seguro pago pelo governo, citando como exemplo a vida da mãe da Preciosa, que se resumia em assistir televisão, fumar, beber e comer. A professora também sugere que Preciosa dê os filhos para adoção, a fim de que as crianças – e a mãe – tenham uma vida melhor, e coloca os estudos como a única oportunidade de qualidade de vida para aquela moça.

Os debates no Instituto que se seguiram à projeção emocionaram. A identificação com os percalços da protagonista foram imediatas, exatamente no viés apontado por Baudry sobre o espectador na sala de cinema e a identificação com a obra. Como disse Ricoeur (2012), Bamba (2013) e Staiger (2002), o contexto do espectador deve ser considerado

---

<sup>7</sup> Sugestão de leitura

[http://arizona.openrepository.com/arizona/bitstream/10150/203431/1/azu\\_etd\\_11875\\_sip1\\_m.pdf](http://arizona.openrepository.com/arizona/bitstream/10150/203431/1/azu_etd_11875_sip1_m.pdf) Acesso em 22 maio 2015.

nos estudos da recepção. E qual o contexto, os fatores pretéritos à chegada na Biko, de muitos alunos ? De baixa renda, e negros, em sua maioria, parte deles não encontrava possibilidades de estudar e fazer laços bem amarrados à questão da raça e da ancestralidade. Apesar de Salvador ser uma cidade onde predomina a população negra, a negação desta identidade e os ideais de branquitude<sup>8</sup>, assolam a cabeça dos jovens, como a de Preciosa. Embora se trate de uma Instituição que inclui a cultura nas suas atividades, o cinema é uma das poucas atividades culturais que os alunos da Biko não têm à disposição. Não é barato, e não é fácil conseguir entre os exibidores sessões não pagas. Muitas vezes os filmes são passados em sala de aula, mas no caso de Preciosa - Uma História de Esperança -, a tentativa bem sucedida de levar os alunos a uma sala de cinema, para assistirem, logo após o lançamento, um filme que fazia relação com a questão racial através da identidade, do pertencimento e que dava ênfase ao papel do educador, foi excepcional, tanto para os alunos quanto para os professores.

### **Considerações Finais**

Passados cinco anos dessa experiência com Preciosa, um dos fundadores do Instituto, Silvio Humberto Passos Cunha, conta que este filme ainda perpassa diversas discussões sobre racismo, identidade, pertencimento e educação em sala de aula. Isso ocorre porque muitos se veem no filme, como em um espelho ( S. Cunha., comunicação pessoal 2015, jan. 12 ) . Ou na personagem Preciosa, ou em Ms. Rain, ou em outros personagens, inclusive porque quase todos são negros. O Diretor, Lee Daniels, também é negro. A escritora de *Push* é negra e bissexual. Há, nesta relação espectador/obra, caminhos que se cruzam, identidades que se reconhecem.

As discussões ocorridas depois do filme estão na *mimesis III* de Paul Ricoeur. Completa-se, assim, o círculo mimético. Os setenta “ bikudos ” ( *mimesis I* ) , como se denominam os alunos do Instituto, o filme Preciosa ( *mimesis II* ) e os debates ( *mimesis III* ) , que, anos depois ainda empolgam. E o efeito multiplicador dessa experiência que vai bem além dessas setenta pessoas. Sem dúvida, um bom exemplo de recepção pelo viés da identificação, que pauta também as análises sociológicas e psicológicas.

---

<sup>8</sup> Sobre a dimensão do sentimento de “braquitude” sugiro a leitura de Silvia, A. C. Branqueamento e branquitude: conceitos básicos na formação para a alteridade. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível também em <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-06.pdf> Acesso em 03 jun. 2015.



## Referências

- ARENDRT, H. **A crise na educação: III e IV. Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 1972.
- AUMONT, J. **A Imagem.** Campinas: Papirus, 2005.
- BAMBA, M. (Org). **A Recepção Cinematográfica.** Teoria e Estudos de Casos. Salvador: EDUFBA, 2013.
- BAUDRY, J. (2003): Cinema: Efeitos Ideológicos Produzidos pelo Aparelho de Base. In Xavier, Ismail (Org). **A Experiência no Cinema: antologia.** Rio de Janeiro: Graal, 1983, (pp.383-394).
- BORDWELL, D.; THOMPSON, K. **A arte do cinema: uma introdução.** Campinas: Unicamp, 2013.
- BORDWELL, D. Estudos de cinema hoje e as vicissitudes da grande teoria. In Ramos, F.P. (Org) **Teoria Contemporânea do Cinema – Pós- estruturalismo e filosofia analítica.** Volume I ( pp. 25-70 ) São Paulo : Editora Senac, 2005.
- COHEN, D. Entrevista com Sapphire. **How author created film character Precious through her own sexual abuse.** Meio eletrônico. Disponível em <http://www.standard.co.uk/lifestyle/how-author-created-film-character-precious-through-her-own-sexual-abuse-6735992.html>. 2010. Acesso em 15 jan. 2015.
- HEDEGARD, D. **Racialized Cultural Capital and Inequality: A Comparative Study of Blackness in Brazil's Tourism Market.** Estados Unidos : University of Arizona. Meio eletrônico. Disponível em [http://arizona.openrepository.com/arizona/bitstream/10150/203431/1/azu\\_etd\\_11875\\_sip1\\_m.pdf](http://arizona.openrepository.com/arizona/bitstream/10150/203431/1/azu_etd_11875_sip1_m.pdf). 2011. Acesso em 15 jan. 2015.
- MAYNE J. ( 1993 ). **Cinema and Spectatorship.** London : Routledge, 1993.
- MAZZOTTA M. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas.** São Paulo : Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Identidade dos alunos com necessidades educacionais especiais no contexto da política educacional brasileira.** Artigo publicado em: Movimento: Revista de Educação da Universidade Federal Fluminense. Educação Especial e Inclusiva. N. 7 ( pp. 11-18 ) Niterói: EdUFF., 2003.
- MORIN E. **O cinema ou o homem imaginário.** Lisboa: Moraes, 1970.
- MULVEY, L. (2013). Prazer Visual e Cinema Narrativo. In Xavier, Ismail (Org). **A Experiência no Cinema : antologia.** Rio de Janeiro: Graal, 2013 ( pp. 437-453).
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa.** V. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2012.



ROBERTS, S. ( 2010). **No Longer Majority Black, Harlem Is in Transition**. Estados Unidos :The New York Times. 2010. Meio eletrônico. Disponível em [http://www.nytimes.com/2010/01/06/nyregion/06harlem.html?pagewanted=all&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2010/01/06/nyregion/06harlem.html?pagewanted=all&_r=0) Acesso em 15 jan. 2015.

SILVA A. (2007 ). Branqueamento e branquitude: conceitos básicos na formação para a alteridade *In* Nascimento , A.D. e Hetkowski, T.M., (Orgs). **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. Meio eletrônico. Disponível em <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-06.pdf> Acesso em 14 jun. 2015.

STAIGER, J. (1992) **Interpreting films**: studies in the historical reception of american cinema. Princeton: University Press, 1992.

### Filme citado

PRECIOSA: Uma História de Esperança. Direção: Lee Daniels. Produção: Lionsgate ( US) , Lee Daniels Entertainment ( US) , Smokewood Entertainment Group ( US ). Produtores executivos : Lisa Cortes , Tyler Perry e Oprah Winfrey. Intérpretes: Gabourey Sidibe, . Mo'Nique, Paula Patton, Mariah Carey, Lenny Kravitz, Roteiro: Geoffrey Fletcher. Lionsgate, 2009 DVD (110 min).

### Websites

[www.stevebiko.org.br](http://www.stevebiko.org.br) . Acesso em 15 mai. 2015.

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) Acesso em 15 mai. 2015

